

PSICANÁLISE

Fred Busch

Rêveries do analista

Investigações do conceito enigmático de Bion

Blucher

RÊVERIES DO ANALISTA

*Investigações do conceito
enigmático de Bion*

Fred Busch

Tradução

Tania Mara Zalcborg

Rêveries do analista: investigações do conceito enigmático de Bion
Título original: *The analyst's reveries: explorations in Bion's enigmatic concept*,
de Fred Busch
© Routledge, 2019
© 2023 Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher
Editores Eduardo Blücher e Jonas Eliakim
Coordenação editorial Andressa Lira
Produção editorial Ariana Corrêa
Preparação de texto Bárbara Waida
Diagramação Guilherme Salvador
Revisão de texto Ana Maria Fiorini
Capa Laércio Flenic
Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho
de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Busch, Fred

Rêveries do analista : investigações do conceito
enigmático de Bion / Fred Busch ; Tania Mara
Zalcborg. – São Paulo : Blucher, 2023.

208 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-659-3

Título original: *The analyst's reveries: explora-
tions in Bion's enigmatic concept*

1. Bion, Wilfred R. (Wilfred Ruprecht), 1897-1979.
2. Psicanálise I. Título II. Zalcborg, Tania Mara

23-3654

CDD 616.89

Índice para catálogo sistemático:
1. Bion, Wilfred R. (Wilfred Ruprecht), 1897-1979.

Conteúdo

| | |
|--|-----|
| 1. O início | 11 |
| 2. Três definições | 23 |
| 3. Definição de <i>rêverie</i> de Bion: revisão sucinta | 27 |
| 4. Bion era bioniano? | 35 |
| 5. Três pós-bionianos | 63 |
| 6. Outros problemas conceituais no uso da <i>rêverie</i> | 127 |
| 7. Questões sobre a construção a dois da <i>rêverie</i> | 157 |
| 8. Conceituando um enigma | 175 |
| Referências | 185 |
| Índice remissivo | 197 |

1. O início

Em tudo que escrevi até este momento, eu perseguia uma ideia. Este livro resulta de uma *ideia me perseguindo*. Deixe-me explicar.

Tudo começou com um enigma clínico, levando a uma imersão de três anos na obra de Bion e de pós-bionianos¹ sobre as *rêveries* do analista, ao mesmo tempo que examinava minha prática analítica para ver se e de que maneira surgiam *rêveries*. O evento fortuito que deu início a essa jornada ocorreu na forma de uma discussão de Cláudio Eizirik sobre o meu artigo (Busch, 2015) apresentado em conferência da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). A argumentação, centrada numa *rêverie* compartilhada por ele com seu paciente, a princípio me desconcertou e depois me intrigou. Minha primeira tendência foi desconsiderar sua importância, mas me vi voltando a ela repetidamente, levando-me a repensar minha

¹ Uso esse termo para referir-me aos autores de tendência bioniana que, nos últimos trinta anos, tentaram definir a maneira como o analista usa suas *rêveries* no imediatismo da situação clínica.

reação inicial.² Contudo, meu fascínio a respeito de como o analista usa suas *rêveries* continuou por muito tempo depois da conferência, e este livro é o resultado.

Eis o exemplo de Eizirik acerca do uso de uma *rêverie* espontânea, a resposta do paciente e, em seguida, minha linha de ideias a esse respeito *na época*.

Era uma sessão de segunda-feira. O paciente começa a me contar os acontecimentos do fim de semana, em que brigou com os pais e sentiu-se distante da esposa e dos filhos. Continua com a descrição detalhada de cada fato e, enquanto eu ouvia, na verdade, nada me vinha à mente a não ser tédio, e a sensação de que mais uma vez a semana começava com a monotonia e as defesas obsessivas que são um de seus refúgios habituais. Nada tenho a dizer, nada a perguntar, nada.

Então uma imagem me vem à mente, presto atenção nela e a acho engraçada, esquecendo aparentemente o paciente que continua seu discurso. Imagino duas crianças em uma banheira, ambas ensaboadas, de forma tal que é impossível se agarrarem, uma segurar o braço ou a cabeça da outra, enfim, uma absoluta impossibilidade de contato. Parece-me que isso descreve o que acontece na sessão. Assim, pergunto ao paciente o que ele pensaria de uma cena que acabara de me ocorrer, descrevo-a para

2 Esta não é a primeira vez que Eizirik é citado por uma *rêverie* com impacto importante. Os Botella (2013) mencionam como uma *rêverie* acústica citada por Eizirik no Congresso do Rio de Janeiro em 2006 ajudou o analista a compreender um impasse num tratamento.

ele, e pergunto se isso poderia descrever também o que acontecia entre nós.

Após um silêncio, durante o qual tive medo de ter dito alguma bobagem, o paciente começa a rir e me conta que essa era uma brincadeira comum entre ele e seus irmãos na infância, apelidada de “você não me pega”. E isso abriu caminho para falar de suas manobras defensivas contra uma comunicação mais fluida, e para entender que a mudança nunca é fácil, e tendemos a nos apegar ao que nos é familiar, ao que sabemos sobre nós mesmos e o nosso mundo.

Minha reação imediata ao ouvir a *rêverie* de Cláudio foi *CARAMBA!* Isso está bem longe da vizinhança do paciente,³ e espero que ele não compartilhe com o paciente. Mas ele compartilhou, o que mudou toda a atmosfera da sessão. Como compreender isso? Antes de tentar uma resposta, deixe-me retroceder um pouco.

Se eu tivesse conseguido criar uma imagem tão empática, teria falado? Minha primeira resposta foi *provavelmente não!* Por quê? Assim como Cláudio, percebo que o tédio sentido na sessão resulta de uma encenação (*enactment*) defensiva do paciente em linguagem de ação⁴ para reduzir qualquer excitação na sala. Assim, se eu tivesse a mesma imagem que Cláudio, tentaria conter e associar de que maneira essa imagem se encaixaria nos meus sentimentos de tédio na sessão. Não seria um grande salto observar a possibilidade de o tédio surgir como defesa contra essa imagem, que seria considerada uma

3 Freud (1910) introduziu essa metáfora, e eu a usei para descrever a importância de interpretar o que está próximo e disponível no pré-consciente do paciente (Busch, 1993, 2014).

4 Termo que usei para descrever quando as palavras mais parecem ações e têm o intuito inconsciente de fazer algo.

formação conciliatória – ou seja, ninguém pega nada nessa excitante banheira analítica em que estamos reunidos. Podemos observar então a *descrição detalhada e monótona das familiares brigas de fim de semana e da distância como defesa* contra o desejo de agarrar ou ser agarrado na banheira analítica. Então, minha primeira ideia foi que eu lidaria com a defesa.

Meus pensamentos pararam aí, após a leitura inicial do exemplo de Cláudio. Porém, na verdade, quanto mais eu pensava a respeito, *o que à primeira impressão parecia duas maneiras diferentes de trabalhar me surpreendeu por possuir diversas similaridades*. Ou seja, cada um de nós, à sua maneira, tentava trazer derivados do inconsciente para o pré-consciente. Meu método baseava-se em minha tendência de analisar as defesas contra a conscientização, de maneira que o paciente se sentisse mais seguro para permitir a entrada dos derivados inconscientes. O método de Cláudio é uma variante do que alguns analistas denominam “fazer cócegas” no derivado inconsciente no pré-consciente, não mergulhando além do que o paciente consiga compreender. Em suma, ambos estamos empenhados em trazer derivados inconscientes para o pré-consciente. Minha impressão é de que Eizirik captou algo na fronteira pré-consciente/inconsciente que levou à sua *rêverie*, sem que ele (Eizirik) tivesse consciência da fonte. Podemos ver pela resposta animada, e por outras associações, que o comentário de Eizirik tocou em algo que estava na fronteira do pré-consciente/inconsciente do paciente. Se estivesse mais profundo no inconsciente, supomos que não estaria disponível para uma mudança afetiva (ou seja, ameaçadora demais) ou para outras associações do paciente.

O conceito de pensamento subsimbólico⁵ de Bucci (2001) nos ajuda a compreender como Eizirik chegou à sua compreensão.

5 “[Enquanto] do ponto de vista científico compreende-se o processamento subsimbólico por meio de complexos modelos matemáticos (Smolensky, 1988;

O analista que responde com base em seu processamento subsimbólico, sem ainda formulá-lo em termos simbólicos, não obstante, trabalha com conhecimento sistemático – “saber” subsimbólico –, não de algum modo mágico ou primitivo. Existem bases para suas inferências que podem em algum momento ser identificadas, embora ele possa não o fazer no imediato da interação. (p. 66)

Inspirado e intrigado com o exemplo de Eizirik, comecei a ler mais sobre o que até então era um conceito vago em minha mente (ou seja, as *rêveries* do analista). Em minhas primeiras leituras da literatura bioniana, comecei a me sentir como um Monsieur Jourdain da adaptação de Timothy Mooney de *O Burguês Fidalgo*, de Molière, ao descobrir que “toda a minha vida tenho falado em prosa, sem nem mesmo o saber!”. Isto é, percebi que por muitos anos vinha tendo o que alguns analistas considerariam *rêveries*, mas as classificara sob a definição mais ampla de associações ou meditações contratransferenciais. À medida que me aprofundava no tema, a importância de distinguir entre essas diferentes formas de *compreender* do analista ficou mais clara para mim.

Problemas ao repensar um conceito

Não é fácil examinar um conceito psicanalítico como as *rêveries* do analista, que, para muitos, tornou-se um componente essencial na compreensão de todos os nossos pacientes, mas especialmente

Rumelhart, 1989), [ele] é vivenciado de maneira imediata e familiar por nós nas ações e decisões da vida cotidiana – desde arremessar um pedaço de papel em um cesto de lixo ou trocar de faixa no trânsito até sentir que vai chover, saber quando a massa está *quase* pronta e precisa ser escorrida para ficar ‘*al dente*’ e responder a expressões faciais ou a gestos” (Bucci, 2001, p. 48, grifo nosso).

daqueles cujas experiências iniciais parecem ter tido representações fracas. Como muitos desenvolvimentos em psicanálise, uma vez que um conceito demonstre ter valor clínico, passa-se a enfatizar a descoberta da sua utilidade, e a investigação crítica aparentemente se interrompe. À medida que isso acontece, o que é posto de lado são diferenças importantes no significado do conceito e na melhor maneira de usá-lo na clínica. Além disso, a história recente da psicanálise caracteriza-se por uma ideia clínica valiosa logo se tornando uma escola separada, movimento seguido pela rejeição de ideias anteriores do que é psicanálise. Em minha vida psicanalítica, assisti a isso acontecer com os adeptos de Kohut, da teoria das relações, da teoria interpessoal e, mais recentemente, com alguns pós-bionianos. Como disse Ferro (Ferro & Nicoli, 2017) recentemente, referindo-se à obra de Freud: “Hoje é inútil no que diz respeito a seu uso clínico: ler algo de Freud jamais será útil na situação clínica” (p. 47).

Ao voltar minha atenção para a literatura sobre as *rêveries* do analista, percebi, como observou Grotstein (2009): “De todas as novas ideias de Bion, a de ‘*rêverie*’ é a que parece estar adquirindo maior prestígio como instrumento da técnica” (p. 69). Percebi que, mesmo enquanto isso acontecia, até onde eu tinha conhecimento, não havia uma *pesquisa extensa sobre o conceito*. Algo que parecia há muito necessário e essencial, pois alguns importantes pensadores pós-bionianos apresentavam o uso da *rêverie* como nada menos que *uma base inteiramente nova para pensar os métodos e objetivos do tratamento*. Como Ferro (Ferro & Nicoli, 2017) afirmou recentemente, “precisamos nos defender do que já sabemos: tudo o que se sabe não deve mais nos interessar” (p. 2).

Na verdade, dado o que se assemelha a uma explosão no interesse pela *rêverie* na última década, acho que Grotstein foi modesto em sua afirmação. Apesar de por muitos anos eu ter aceitado apenas com cautela a utilidade da *rêverie*, passei a acreditar em seu *potencial* como uma importante ferramenta disponível para os psicanalistas

compreenderem o que, até certo momento do tratamento, era *inefável*. Contudo, ao usar qualquer ferramenta, deve haver diretrizes para se obterem os melhores resultados. Tentar usar um machado para abrir um pote pode cumprir o objetivo, mas pode levar também a consequências imprevistas. Em minhas excursões pela *rêverie*, encontrei *muitas inconsistências em sua definição e na maneira de usar o termo no setting clínico*. Ferro (Ferro & Nicoli, 2017) apreendeu o mesmo fenômeno ao ressaltar que a *rêverie*

espalhou-se como fogo em todas as conceituações da psicanálise, passando a ser um daqueles conceitos guarda-chuva que após algum tempo podem significar qualquer coisa ou o seu oposto, como o termo “identificação projetiva”, e, assim, não conseguimos nos entender. (p. 73)

A resposta a questões básicas como em que consiste uma rêverie, em que parte da mente do analista ela se forma, e se é necessário traduzi-la em palavras permanece indefinida. Tentei apontar as variadas respostas dadas a essas perguntas por analistas pós-bionianos, além de formular algum modo de pensar essas questões.

As *rêveries* do analista, como conceito, não estão sozinhas em seus múltiplos significados. Desde o início de minhas investigações clínicas de conceitos psicanalíticos (Busch, 1968), o que na aparência era um conceito bem definido muitas vezes estava repleto de inconsistências e múltiplos modos de compreensão (por exemplo, resistências, elaboração, contratransferência etc.). Enquanto outros analistas poderiam desesperar-se com essa descoberta, para alguém que gosta de mistérios, ela mostrou-se na maioria das vezes o início de uma jornada intrigante. Penso que tudo o que já escrevi tem algo desse atributo. Em entrevista, o ator Daniel Day-Lewis, conhecido por sua absorção nos papéis que interpreta (por exemplo, na preparação para interpretar um enigmático estilista no filme *Trama Fantasma*,

foi aprendiz do figurinista do New York City Ballet), descreveu o fascínio de “descobrir algo que parece fora do alcance, às vezes fora do alcance de maneira impossível, que, de algum modo, o atrai para a sua órbita”.⁶ Aprender e pensar sobre as *rêveries* do analista tinha algo desse atributo.

Porém, como qualquer jornada ao interior de um mistério, também é repleta de frustração, especialmente quando os escritos das pessoas que subscrevem à importância de um conceito às vezes obscurecem as diferenças para mostrar que estão no mesmo time. Ao escrever este texto, foi interessante deparar com um comentário do falecido Oliver Sachs, afirmando: “Escrever é um baluarte contra o caos. Preciso escrever para me reconciliar com a experiência”.⁷ Embora eu provavelmente usasse a palavra “confusão” em lugar de caos, acho que Sachs captou algo primordial na experiência de aprofundar-se com honestidade em um conceito psicanalítico. Senti-me assim ao tentar compreender o conceito bioniano de *rêverie*. Li a seu respeito, ouvi as pessoas falarem dele em discussões e apresentações de material clínico, e até pensei que o utilizava em meu trabalho. *Não obstante, seu significado permanecia fugidio*. Alguns analistas podem dizer que a natureza do termo o faz permanecer fugidio, porém creio que para aferirmos o valor de um conceito, quanto mais para conversarmos e discutirmos entre nós a respeito, precisamos ter certa confiabilidade⁸ na definição desse conceito. A psicanálise foi especialmente adepta de evitar esse princípio, o que às vezes nos leva a discussões que se aproximam de uma Torre de Babel virtual.

Alguns leitores de um resumo inicial deste livro propuseram uma questão interessante – isto é, o que acontece quando um psicanalista de determinada perspectiva teórica tenta aprofundar e discutir

6 R. Ugwu, *New York Times*, dezembro de 2017.

7 Tal como relatou Erica Goode, *New York Times*, 1º de setembro de 2015.

8 Aqui uso o termo no sentido científico de replicável.

um conceito de outra tradição? Funciona? Pode ser construtivo?⁹ A crítica de Ferro (2015) às tentativas de compreender sua obra a partir da perspectiva freudiana, acreditando que os modelos não eram comparáveis, é uma reação típica. Ogden (2011) oferece uma perspectiva diferente ao discutir um artigo de Susan Isaacs.

O importante é o que se pode fazer com as ideias que Isaacs explicita combinadas com as ideias que sua linguagem sugere . . . Além disso, e provavelmente mais importante, tenho minha própria mente, o que me permite observar em seu trabalho muita coisa que ela não viu. Algo igualmente verdadeiro para você, leitor, ao ler Isaacs e ao ler o que escrevo. (p. 4)

A necessidade de Ogden de defender sua compreensão de Isaacs fala de uma questão mais ampla em psicanálise: fala da nossa tendência de repudiar críticos de fora do nosso círculo e, assim, perder qualquer contribuição que possam dar à nossa compreensão.

Outro problema ao discutir um conceito como *rêverie* é que, com o tempo, certos termos se concretizam. Contrariando esse ponto de vista, acredito que O’Shaughnessy (2005) expressou de jeito melhor ao escrever sobre Bion: “Os escritos de Bion não são textos sagrados. Estão abertos à crítica e seus escritos psicanalíticos não pertencem *a nenhum de nós*, mas ao ‘conjunto sistemático’ denominado psicanálise” (p. 1527).

9 Em artigo em que revê o conceito de contratransferência, Jacobs (1999) escreveu: “Reviso a partir da minha perspectiva pessoal; isto é, do ponto de vista de um analista estadunidense, formado em um instituto clássico” (p. 575). Minha formação foi igual à descrita por Jacobs, e passei os últimos vinte anos mergulhando na literatura não investigada durante a minha formação, o que levou ao meu ponto de vista de que dentro de certas áreas há um terreno comum entre perspectivas teóricas aparentemente diversas (Busch, 2014, 2015).

Além disso, parece-me que todos os psicanalistas estão tentando explicar a mesma mente. Usamos certos métodos para escutar e compreender nossos pacientes e temos maneiras específicas de interpretar ou não. Temos conceitos explicativos para nossa maneira de trabalhar que, acredito, podem e talvez necessitem ser comparados com outras teorias analíticas sobre as mesmas questões. Além disso, creio que há mais confluências em certas linhas do que Ferro acredita (Busch, 2014).

Esboço do livro

Este livro é uma tentativa de proporcionar uma revisão informativa, mas não exaustiva, dos pontos de vista bionianos e pós-bionianos sobre o uso de *rêveries* do analista. Como existem muitas definições de *rêverie* por aí, para simplificar as coisas e ao mesmo tempo demonstrar sua complexidade, optei por me concentrar primeiro nos pontos de vista de Bion e depois principalmente em três pós-bionianos bem conhecidos por sua obra: Thomas Ogden; Antonino Ferro; e Elias e Elizabeth da Rocha Barros.¹⁰


O Capítulo 2 é um resumo de algumas definições fundamentais para ajudar as pessoas não tão familiarizadas com a obra de Bion. Os Capítulos 3 e 4 descrevem as surpreendentemente poucas declarações de Bion sobre as *rêveries* do analista, e o que podemos dizer sobre seu modo de usar o conceito. Embora Bion tenha escrito pouco sobre seu trabalho com pacientes, conduziu muitos seminários em todo o mundo, e há o relato de uma análise com Bion a partir do qual é possível compilar seu modo geral de abordar o material clínico. Em

10 Apesar de isso levantar a suspeita de que há quatro autores, não três, incluo o casal Rocha Barros como uma única autoria, na medida em que escreveram juntos e têm ideias semelhantes sobre o uso das *rêveries* do analista. É claro, eles escreveram textos separados a respeito de inúmeros outros temas.

relação às *rêveries* do analista, a partir da reunião das descrições do trabalho de Bion, faço a pergunta: *Bion era bioniano?*

De certo modo, o Capítulo 5 é o cerne do livro. Examina, em detalhes, os pontos de vista clínicos de Ogden, Ferro e dos Rocha Barros – suas semelhanças e diferenças. Há muitas surpresas aqui. O Capítulo 6 toma as conclusões do capítulo anterior destacando os problemas conceituais de como se tem usado *rêverie*.

No cerne do ponto de vista de alguns pós-bionianos sobre a *rêverie* está a crença de que ela é inteiramente construída a dois. O Capítulo 7 examina alguns problemas éticos dessa postura analisando a maneira potencial de diferenciar o que é a nossa reação idiossincrática a um paciente e o que é uma construção a dois empática. O Capítulo 8 tenta dar clareza conceitual às ideias sobre *rêveries* do analista examinado seus níveis de representação psíquica e, por conseguinte, seu potencial transformador. Qualquer que seja o modo de descrevê-lo, o cerne do conceito de *rêverie* de Bion é sua possibilidade de transformar estados mentais mais primitivos em pensamentos potencialmente representáveis.



Embora o uso das *rêveries* do analista tenha aumentado ultimamente no trabalho com pacientes, houve pouca investigação crítica a respeito de seu valor e dos problemas a que pode levar. *Rêveries* do analista defronta-se com a veneração cada vez maior ao uso das *rêveries* do analista, ao mesmo tempo que revela diferenças importantes entre pós-bionianos acerca do modo de usar e de definir a *rêverie* na clínica. O autor pondera que é principalmente por meio das associações pessoais do analista que se revela o potencial da *rêverie*, o que o ajuda ainda mais a distingui-la de muitas outras possibilidades, inclusive da sua contra-transferência. Ele acredita na importância de converter as *rêveries* em interpretações verbais.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-659-3



9 786555 106659 3



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Rêveries do analista

Investigações do conceito enigmático de Bion

Fred Busch

ISBN: 9786555066593

Páginas: 208

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
